

CIBERCULTURA E DOCÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO DO SÉCULO XXI: NOVOS DESAFIOS

CYBERCULTURE AND TEACHING IN 21ST CENTURY HIGH SCHOOL HISTORY TEACHING: NEW CHALLENGES

CIBERCULTURA Y DOCENCIA EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA EN LA ESCUELA SECUNDARIA DEL SIGLO XXI: NUEVOS RETOS

Deivid da Costa Trindade¹

Resumo

O objetivo deste artigo é abordar — na linha de pesquisa *Intersecções: língua, cultura, história e tecnologias*, do curso de Formação Pedagógica em História — os novos desafios enfrentados na docência nesta disciplina devido ao crescimento da cibercultura. Na perspectiva do curso, propomos reflexões teóricas, históricas e práticas para entendermos a influência de uma nova era sobre o ensino e o comportamento dos professores de História, que precisam adaptar rapidamente suas aulas às inovações tecnológicas e metodológicas para conduzir o processo de ensino-aprendizagem. Redes sociais, blogs, sites, entre outras mídias digitais unem ensino e prática de pesquisa histórica para além da sala de aula. Os estudos de Pierre Lévy mostram a importância cabal da cibercultura para o ensino, abordada aqui em relação ao ensino e à pesquisa em História.

Palavras-chave: docência; ensino de história; cibercultura; Pierre Lévy.

Abstract

This article intends to address — within the research line *Intersections: language, culture, history, and technologies* of the Pedagogical Training in History course — the new challenges faced in History teaching due to the cyberculture growth. In the perspective of the course, we propose theoretical, historical, and practical reflections to understand the influence of a new era on the teaching and behavior of history teachers, who need to quickly adapt their classes to technological and methodological innovations to conduct the teaching-learning process. Social networks, blogs, websites, among other digital media unite history teaching and historical research practice beyond the classroom. Pierre Lévy's studies show the full importance of cyberculture for teaching, addressed here in relation to teaching and research in history.

Keywords: teaching; history teaching; cyberculture; Pierre Lévy.

Resumen

El propósito de este artículo es tratar — en la línea de investigación *Intersecciones: lenguaje, cultura, historia y tecnologías*, de la carrera de Formación Pedagógica en Historia — los nuevos retos que enfrenta la enseñanza de esta disciplina debido al crecimiento de la cibercultura. Desde la perspectiva del curso, proponemos reflexiones teóricas, históricas y prácticas para comprender la influencia de una nueva era en la enseñanza y el comportamiento de los profesores de Historia, quienes necesitan adaptar rápidamente sus clases a las innovaciones tecnológicas y metodológicas para conducir el proceso de enseñanza-aprendizaje. Redes sociales, blogs, sitios web, entre otros medios digitales, llevan la enseñanza y la práctica de la investigación histórica más allá del aula. Los estudios de Pierre Lévy muestran la importancia absoluta de la cibercultura para la enseñanza, abordada aquí en relación con la enseñanza y la investigación en Historia.

Palabras-clave: enseñanza; enseñanza de la historia; cibercultura; Pierre Lévy.

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário Internacional — Uninter. E-mail: deividtrindade58@gmail.com

1 Introdução

A Cibercultura cresce em importância e substância desde meados dos anos 90. A interação entre as pessoas através da internet impeliu as relações humanas a níveis jamais vistos. Estudiosos desse movimento, como, por exemplo, John Thompson e, principalmente, Pierre Lévy, acompanham todo esse desenvolvimento.

A partir da obra *Cibercultura*, de Pierre Lévy, além de outras referências sobre o tema, pretende-se, neste artigo, mostrar a importância e a necessidade de unir docência em História e cibercultura. Discutem-se também as implicações da cibercultura para o processo de ensino-aprendizagem, bem como qual deve ser o posicionamento docente para entender as possibilidades oferecidas pelas inovações para o desenvolvimento de uma consciência histórica que promova mudanças na vida prática do aluno (RÜSEN, 2006).

2 Cibercultura e docência em ensino de história no ensino médio no século XXI: novos desafios

Com a internet, surgiu uma concepção de mundo conectado, onde as pessoas estabelecem relações baseadas na virtualidade. As conexões virtuais alcançaram proporção e velocidade jamais vistas. Tecnologias em todos os níveis se desenvolveram e permitiram às tecnologias intelectuais, principalmente, avançarem espantosamente (LÉVY, 1999).

Pierre Lévy nasceu na Tunísia, em 1956. Filósofo e sociólogo de formação, dedicou-se a pesquisar sobre ciência da informação e da comunicação para estudar o impacto da internet na sociedade, as humanidades digitais² e virtuais (PIMENTA, 2001).

Cibercultura, principal obra de Lévy, propõe, nos capítulos X, XI e XII, uma nova relação com o saber, que resultaria nas pessoas saberem menos do que presumiam com o advento do virtual, à medida que esse virtual se desenvolveria e atingiria patamares nunca vistos.

Os sistemas educacionais, na visão de Lévy, precisam refletir a respeito da cibercultura, porquanto esta mudará a relação de todos com o conhecimento, o que afetará a relação entre educação e cibercultura em três níveis. O primeiro nível é o da “velocidade de surgimento e renovação dos saberes” (LÉVY, 1999, p. 157), cuja consequência é a constante renovação dos

² “Vive em Paris e leciona no Departamento de Hipermídia da Universidade de Paris-VIII. Foi incentivado e treinado por Michel Serres e Cornelius Castoriadis a ser um pesquisador. Especializou-se em abordagens hipertextuais quando lecionou na Universidade de Ottawa, no Canadá. Após sua graduação, preocupou-se em analisar e explicar as interações entre Internet e Sociedade. Desenvolveu um conceito de rede, juntamente com Michel Authier, conhecido como Arbres de connaissances (Árvores do Conhecimento). Lévy também pesquisa a inteligência coletiva focando em um contexto antropológico, e é um dos principais filósofos da mídia atualmente. Suas pesquisas se concentram principalmente na área da cibernética. Com isso, tornou-se um dos maiores estudiosos sobre a Internet”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_L%C3%A9vy. Acesso em: 25 ago. 2020.

sistemas educacionais. Ou seja, para lidar com o saber, antes pronto e definido, será necessário desenvolver, além de conhecimento, determinadas competências. O segundo nível diz respeito à constatação de que haverá mudança relativa à uma “nova natureza do trabalho” (LÉVY, 1999), na qual a transmissão de conhecimento não cessará de crescer, levando a uma constante busca por “aprender, transmitir saberes e produzir conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 157).

Nesse sentido, é preciso trabalhar continuamente dentro do ciberespaço, e a busca por atualização do saber se torna imprescindível em um meio de extrema velocidade. A docência será profundamente atingida.

O terceiro ponto, que consideramos o principal, é que o ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica inúmeras funções cognitivas humanas, segundo Lévy (1999). No campo da memória humana, isso se expressa no banco de dados, composto por hiperdocumentos e arquivos digitais os mais variados.

Ao nível perceptível e imaginário, temos sensores digitais, telepresença e realidade virtual, bem como simuladores. Para o raciocínio, temos a inteligência artificial e a modelização de fenômenos complexos (LÉVY, 1999).

Tudo isso, na visão de Lévy (1999), fica evidente na manifestação dessas novas tecnologias intelectuais que favorecem novas formas de acesso à informação, novos estilos de raciocínio e conhecimento, como a simulação, induzindo a novas experiências. As novas tecnologias levam também à formação de memórias dinâmicas que se materializam em forma de documentos digitais e/ ou programas disponíveis em redes que podem ser compartilhados por inúmeras pessoas, o que poderá “aumentar o potencial intelectual coletivo dos grupos humanos” (LÉVY, 1999, p. 157-158).

Lévy propõe, em sua perspectiva, duas formas de adaptação dos sistemas de educação para se adequarem ao desenvolvimento do ciberespaço. A primeira é a adequação ao sistema de Ensino Aberto a Distância (EAD), que permite o acesso a alguns dispositivos que colocam em prática certas técnicas de ensino, como a distância, hipermídias, redes de interação, além das tecnologias intelectuais da cibercultura (LÉVY, 1999).

A segunda adaptação é relativa ao “reconhecimento das experiências adquiridas” (LÉVY, 1999), ou seja, o conhecimento através das redes de interação pode ser adquirido pelo sujeito, questão que o professor precisa admitir e considerar. Neste sentido, segundo Lévy (1999), importa aos espaços acadêmicos entenderem que, a partir disso, assumem um papel “orientador dos percursos individuais no saber e de contribuir para o reconhecimento dos conjuntos dos saberes pertencentes às pessoas, aí incluindo os saberes não acadêmicos” (LÉVY, 1999, p. 158).

Esse fato, segundo Lévy, leva a uma nova proposta, em que o docente “pondera sobre a articulação de numerosos pontos de vista” (LÉVY, 1999, p. 159). Ou seja, diferentemente do livro e da enciclopédia, o meio virtual conecta, através da Web³, diversos outros textos, que são pontos em uma infinidade de textos interconectados, como nas palavras de Lévy (1999, p. 159), “um *corpus* praticamente infinito”.

Os estudiosos da Cibercultura — a partir de Pierre Lévy, Cavalcanti, Estrázulas, Medeiros, Nascimento, Silva, Soares, Souza e Moraes (2010) — dizem-nos que, nos anos 80, o surgimento da Web 2.0 foi, sem dúvida, uma das principais transformações ocorridas no período.

O desenvolvimento da internet foi decisivo para a expansão da Cibercultura, bem como o desenvolvimento da interatividade através das trocas de informações e da colaboração entre usuários, o que corrobora a visão de Lévy (1999), para o qual essas trocas articulam uma multiplicidade de pontos de vista na Web.

Nessas trocas fica evidente que a Web tem “certa vida própria”, à medida que cresce e avança num contínuo que inundou o século XX de múltiplas memórias, ideias, saberes e pontos de vista. Isto possibilita ao sujeito construir sua percepção pessoal do todo e de seu significado, que devem estar em constante mudança e aberto à transformação (LÉVY, 1999). Sobre essa nova condição do saber, Lévy pondera,

A partir do século XX, com a ampliação do mundo, a progressiva descoberta da sua diversidade, o crescimento cada vez mais rápido dos conhecimentos científicos e técnicos, o projeto do domínio do saber por um indivíduo ou grupo tornou-se cada vez mais ilusório. Hoje, tornou-se evidente, tangível para todos que o conhecimento passou definitivamente para o lado intotalizável, indominável (LÉVI, 1999, p. 161).

Na citação, fica evidente a reflexão de Lévy sobre a rápida emergência, e sobre como o desenvolvimento tecnológico e científico levou a uma nova perceptiva em torno do saber. A partir disso, esse saber não é fechado e dominado por um único indivíduo ou grupo, mas acessível e aberto a todos. Portanto, Lévy (1999) levanta uma questão importante: a partir de agora, com o advento da Cibercultura, quem detém o saber?

Nessa nova perspectiva, a Web, através de suas páginas, na visão de Lévy (1999), expressa ideias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Por trás do grande hipertexto, ferve a multiplicidade de suas relações (LÉVY, 1999). Essa

³ Conferir, CAVALCANTI, Carina Amazona Lima Bizerra. ESTRÁZULAS, Jimi Aislan. MEDEIROS, João Paulo Oliveira. NASCIMENTO, Rayron Pereira. SILVA, Cynthia Patrícia Assunção da. SOARES, Héber Augusto de Vasconcellos Dias. SOUZA, Alice Regina Pacó de. MORAES, Anne Ketlen Frota de. **Cibercultura: um estudo contextualizador e introdutório**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010, p. 1-13.

hipertextualidade também atua como recurso de aprendizagem e se torna uma ferramenta que estima o conhecimento⁴. A cada dia, aumenta o número de usuários dessa ferramenta. Vários textos interligados fomentam uma “nova forma de produção textual”⁵.

Em consequência, o Ciberespaço evidencia ainda mais o conhecimento, o saber. Ou seja, o saber é agora tangível, real e acessível a qualquer tempo. O detentor do conhecimento dentro desse espaço virtual⁶ agora é o “*ciberespaço*, a região dos mundos virtuais, por meio do qual as comunidades descobrem a si mesmas como coletivos inteligentes” (LÉVY, 1999, p. 164).

Esse conhecimento se desterritorializa e se desorganiza à medida que bibliotecas físicas se transpõem para o espaço virtual, onde o portador do saber não é mais “um indivíduo físico e sua memória carnal, mas o Ciberespaço, a regiões dos mundos virtuais” (LÉVY, 1999, p. 164).

Todo o desenvolvimento ocorrido a partir do surgimento do ciberespaço leva a consequente mutação da educação e da economia do saber, como salienta Pierre Lévy (1999), no capítulo XI de *Cibercultura*. Na visão de Lévy (1999), os sistemas educacionais ainda são travados por restrições, quantidade, velocidade e diversidade de evolução dos saberes (LÉVY, 1999). Devido a isto, a demanda por formação voltada, principalmente, à questão da aprendizagem aberta, torna-se extremamente necessária.

De acordo com Lévy (1999), o foco é a necessidade de formação específica para professores graduados e em formação. Portanto, não bastaria aumentar o número de professores de acordo com a demanda, mas desenvolver mecanismos que proporcionem e promovam esforços que “busquem soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores” (LÉVY, 1999, p. 169).

Essas soluções, principalmente técnicas, englobam mecanismo audiovisuais, “multimídia”, computadores, rede, cabo, entre outras as quais possibilitem, de acordo com o conteúdo, adequar-se à necessidade e à situação do ensino (LÉVY, 1999).

A tendência da utilização do EaD (Ensino a Distância) “através das redes de telecomunicações e dos suportes multimídias interativas vêm sendo progressivamente integrado às formas clássicas de ensino” (LÉVY, 1999)⁷.

Nesse processo, a necessidade de aprendizado se torna constante à medida que as aprendizagens se tornam “permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes, cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais [...]” (LÉVY,

⁴ Idem 5, p.7.

⁵ Idem 5, p.7.

⁶ Sobre o conceito de virtualização de Pierre Lévy, ver PIMENTA, Francisco José Paoliello. O Conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua aplicação na Hipermidia. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 85-96, jan./jun. 2001.

⁷ Conferir LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editoria 34, 1999. p. 157-169.

1999, p. 177).

Educar, na cibercultura, é um desafio imenso para o professor. Os processos educativos, a docência on-line e os cursos on-line evidenciam, principalmente para o professor, a formação e o exercício da docência à medida em que, conforme Marco Silva (2010),

[...] o uso da internet na formação escolar e universitária é exigência da Cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI, do novo espaço de sociabilidade, de organização, da informação, de conhecimento e de educação (SILVA, 2010, p. 37).

Nessa citação, fica evidente a nova exigência advinda da Cibercultura. A internet desbravou e conectou saberes através da rede mundial de computadores, a *Word Wilde Web*⁸. A formação docente precisa se adaptar a esse crescimento.

Estudiosos do assunto, como Marco Silva (2010), Nelma Vilaça Paes Barreto (2010), Adão Caron Cambraia (2010?), Vitor Malaggi e Karina Marcon (2012), discutem docência on-line, tecnologia contemporânea (as Tecnologias Digitais de Rede (TDRs), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)), formação de professores, desafios, perspectivas e inovação dentro da Cibercultura.

Na nova era digital vislumbrada por Lévy em meados dos anos 90⁹, previa-se um novo cenário que exigirá do professor de História, principalmente, adaptação às novas tecnologias, bem como que “as pessoas sejam mais atuantes, mais autônomas, mais competentes, mais atuantes, mais críticas, e neste contexto, a educação se apresenta em todos os seus desafios” (BARRETO, 2010, p. 2).

A educação do cidadão, a informação digital, o computador e a internet cada vez mais ajudam a produção de informação. A comunicação on-line ganha espaço e força, tornando-se parte básica da infraestrutura (SILVA, 2010). Tal fato, conforme Marco Silva (2010), levará à necessidade de revisão da formação do professor para a docência, presencial ou on-line, pois ambas precisarão “contemplar a Cibercultura” (SILVA, 2010, p. 38). Silva também aponta quatro desafios para a formação de professores para a docência on-line¹⁰.

O primeiro desafio diz respeito ao fato de que o livro impresso ainda se sobrepõe ao meio e ao livro digitais; o segundo é o hipertexto, com o qual o professor precisa aprender a trabalhar; o terceiro é a questão da interatividade como peça central da Cibercultura. O quarto

⁸Idem, 9.

⁹Conferir vídeo: entrevista com Pierre Lévy na qual ele explica seu conceito de cibercultura. Disponível em: <https://youtu.be/DzfKr2nUj8k>. Acesso em: 3 jul. 2023.

¹⁰Conferir, SILVA, Marco. Educar na Cibercultura: desafios à formação de professores par curso online. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 3, p.36-51, jan.-jun. 2010.

desafio para o professor é compreender *ferramenta e interface*: ferramenta é o PC ou o *laptop*, enquanto as interfaces são os objetos virtuais que auxiliam o professor em seu desempenho. *Chats*, fóruns, listas de discussão, *blogs*, *sites* e AVAs são interfaces que auxiliam o professor na tarefa de educar on-line.

No mesmo sentido de Marco Silva (2010), para que esse processo de ensinar seja possível, Nelma Vilaça Paes Barreto (2010)¹¹ destaca também o papel das TICs e da EaD na formação docente, que pode ser facilitado por meio dos Núcleos de Tecnologia e Educação a Distância (NTEADs).

Segundo Nelma, os NTEADs auxiliam e enriquecem os processos de aprendizagem, estimulam os sujeitos a novas dinâmicas educacionais, dão suporte pedagógico e metodológico à formação docente via tecnologia digital e podem contribuir para a formação de licenciados na informática educativa (BARRETO, 2010).

A partir disso, surge também a necessidade de estabelecer uma nova pedagogia para uma nova docência no ensino de História. Ensinar a distância não é igual a ensinar na sala de aula. Os professores agora são facilitadores de conhecimento, propõem desafios, instigam perguntas, orientam e ajudam o aluno na busca do conhecimento. Tudo isso deve ser planejado e executado por professores especializados e preparados para tal.

Nos dizeres de Nelma, “surge com isso o nativo digital e os professores imigrantes digitais e com isso inúmeros desafios são impostos” (BARRETO, 2010, p. 159 e ss). O nativo digital anseia por conteúdos práticos, visuais, interativos e de fácil acesso, enquanto o professor imigrante parte de um modelo arraigado em uma metodologia de textos lineares, de provas, de aulas presenciais e tudo isso torna sua adaptação ainda mais difícil.

Vitor Malaggi e Karina Marcon (2012) destacam a possibilidade de exploração das redes de ensino-aprendizagem¹², pois “julga-se que uma das funções básicas da educação é autorizar o indivíduo a tornar-se sujeito participante dos processos de ensino-aprendizagem” (MALAGGI; MARCON, 2012, p. 120).

Esses processos devem estimular trocas, participação, interação e cooperação entre indivíduos. Isso leva à formação de uma aprendizagem mútua, na qual professor e aluno aprendem juntos, à medida que atuam como “interlocutores do conhecimento, superando a condição de receptores, agindo como protagonistas do processo — integrados, interessados e curiosos” (MALAGGI; MARCON, 2010, p. 121).

¹¹ Conferir, BARRETO, Nelma Vilaça Paes. Os desafios da educação: a cibercultura na educação e a docência online. *Vertices*, Campos dos Goytacazes, v. 12, n. 3, p. 149-164, set/dez. 2010.

¹² Conferir, MARCON, Karina; MALAGGI, Vitor. Cibercultura e Educação: algumas reflexões sobre os processos educativos na sociedade tecnológica contemporânea. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 11, n. 132, p. 115-123, maio 2012.

2.1 O ensino de história e o virtual

Após a discussão da importância da Cibercultura para promover ensino e aprendizagem em História será interessante falarmos um pouco a respeito do ensino de História, de seu desenvolvimento como proposta que contribui muito para a promoção do ensino-aprendizagem em História.

Quando o assunto é ensino de História, Jörn Rüsen¹³ é o principal expoente. Rüsen (2006) propõe uma didática da História que possibilite apresentar conceitos, objetivos, funções e práticas que nos ajudem a perceber as diversas historicidades e, a partir disto, compreender a nossa história e a sua relação com nosso presente (ARAÚJO; VAZ, 2017).

Luís Fernando Cerri (2010), Edinalva Aguiar (2015), Max Lanio Martins Pina (2015), Odilmar Cardoso (2008) discute bastante o tema. A compreensão sobre a relação entre o ensino e a didática de História, na perspectiva rüseniana, faz-nos perceber que o objetivo da segunda é investigar o aprendizado histórico em todas as suas dimensões e manifestações na consciência histórica, pois é preciso entender como esse aprendizado do passado é experienciado e interpretado, objetivando determinadas percepção e mudança no futuro, e como acontece tal mudança (RÜSEN, 2006).

Essa didática também pode auxiliar o ensino de História no meio virtual, no qual há inúmeras oportunidades de construção do conhecimento histórico que promovem, também, o desenvolvimento de uma consciência não apenas histórica, mas investigativa.

Essa investigação histórica através do virtual possibilita, por meio de interações, comunicações e redes de contato virtual o surgimento de comunidades que promovem conhecimento histórico referenciado bibliograficamente.

A Web pode ligar e “hiperlinkar” textos de autores renomados que promovem discussões teóricas e históricas ricas em conteúdo e forma que ultrapassam fronteiras através do virtual. Todos temos acesso a obras como *A Era dos Extremos*, do *Capital*, dos *Impérios*, das *Revoluções*, de Érik Hobsbawn, a obras medievais de Jacques Le Goff, as filosóficas de Aristóteles, Platão, Cícero, Maquiavel, Voltaire, Rousseau, entre outros.

¹³ “Jörn Rüsen estudou história, filosofia, pedagogia e literatura alemã na Universidade de Colônia. Em 1966 concluiu sua tese sobre a teoria da história de Johann Gustav Droysen, um dos representantes teóricos do historicismo alemão. Nos anos seguintes lecionou filosofia e teoria da história em diversas universidades alemãs. Sendo que, em 1974, a universidade de Ruhr, em Bochum, oferece-lhe a cátedra em História, onde permaneceu até suceder Reinhart Koselleck na universidade de Bielefeld, em 1989. Entre 1994 e 1997, esteve na diretoria do Centro para Pesquisa Interdisciplinar em Bielefeld. Tornou-se presidente do Kulturwissenschaftliches Institut em Essen em 1997, local em que continuou seu trabalho sobre a consciência histórica e o pensamento histórico, iniciado no período em que lecionou em Ruhr, além de estudos comparativos internacionais sobre consciência histórica e historiografia, a história da cultura histórica e a teoria da ciência das culturas. Aposentou-se em 2007, como presidente do Kulturwissenschaftliches Institut, e atualmente permanece como pesquisador sênior coordenando um projeto de pesquisa sobre o humanismo na era da globalização (WIKLUND, 2008)”.

O docente de História pode e deve utilizar as ferramentas e as interfaces que a Web e o virtual proporcionam através de recursos digitais, multimídias, vídeos, canais, comunidades nas redes sociais, podcasts e muito mais.

3 Considerações finais

Discorreremos sobre o papel da docência em História diante dos desafios da cibercultura no século XXI. Desde o seu surgimento, em meados de 1996, novos mecanismos interativos, como Web 2.0, revolucionaram os métodos de comunicação entre as pessoas.

Por conta disso, pessoas começaram a se conectar em várias partes do mundo. Novas maneiras de se comunicar surgiram. Novas comunidades virtuais se formaram e o mundo virtual tornou-se palpável, tangível. Ao mesmo tempo que você se conecta com outra pessoa através da tela de seu computador, virtualmente, você transpõe fronteiras.

Essa desterritorialização permite a comunicação e a conexão entre pessoas, desorganiza o conhecimento, até então fechado e engessado em único local, mas deslocado para o virtual.

Na questão do ensino e da docência, a cibercultura provocou a necessidade de adaptação das universidades, escolas, dos centros de educação e, principalmente, do professor e de sua prática docente diante desse avanço da cibercultura no século XXI.

O ensino-aprendizagem em História a partir de agora está atrelado às redes e ao virtual. Plataformas de ensino, blogs, podcasts, fóruns, debates virtuais, comunidades e os AVAs estão cada vez mais presentes na vida escolar e acadêmica. A internet através da Web dita o ritmo e o professor tem que se adaptar frente a esses avanços.

Desenvolver técnicas e habilidades para lidar com a cibercultura é parte essencial. Buscar conhecimento, novos jeitos de ensinar, usar os recursos disponíveis e oferecidos pela crescente tecnologia digital é parte fundamental para que o professor de História possa fazer frente a essa cibercultura.

O professor, com o auxílio da cibercultura, pratica a docência em História com mais qualidade, e assim promove um ensino-aprendizagem que possibilite desenvolver habilidades para facilitar a comunicação, o entendimento e o desenvolvimento de uma consciência histórica que faça a diferença na vida prática do aluno (RÜSEN, 2006).

Referências

BARRETO, Nelma Vilaça Paes. Os desafios da educação: a cibercultura na educação e a docência online. *Vertices*, Campos dos Goytacazes, v. 12, n. 3, p. 149-164, set/dez. 2010.

CAMBRAIA, Adão Caron. Aprender e ensinar na Cibercultura: Desafios e Perspectivas Inovadoras. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL (SENID) – cultura digital na educação*, .5, 2018, Passo Fundo. **Anais [...]**. Passo Fundo: SENID, 2018.

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.

CARDOZO, José Carlos da Silva. História em Quadrinhos e relações internacionais: análise das edições do Capitão América publicadas entre 2017 e 2018. **Campos Neutrais – Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, Santa Vitória do Palmar, v. 2, n. 2, maio/ago.

CAVALCANTI, Carina Amazona Lima Bizerra *et al.* Cibercultura: um estudo contextualizador e introdutório. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, .33, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: INTERCOM, 2-6 set. 2010. p. 1-13.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93-112, 1991.

COSTA, Alexandre Ferreira da. Resenha: Thompson, John B, Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 427, 1997.

COSTA, Marco Aurélio Borges. SOUZA, Carlos Henrique de. Abordagens antropológicas do ciberespaço e da Cibercultura. *In: MARCON, Karina; MALAGGI, Vitor. Cibercultura e Educação: algumas reflexões sobre os processos educativos na sociedade tecnológica contemporânea. Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, ano 11, n. 132, p. 115-123, 2012.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO - CARLO GINZBURG [PARTE I]. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo canal UFRGS TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKdfsVBP20E>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO - CARLO GINZBURG [PARTE II]. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal UFRGS TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKdfsVBP20E>. Acesso em: 29 jun. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: editoria 34, 1999. p. 157-169. cap. X, XI, XII.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIVE COM ROGER CHARTIER. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h39min). Publicado pelo canal Instituto Ricardo Brennand. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=hh0k4eIaPLc>. Acesso em: 29 jun. 2023.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. O Conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua

aplicação na Hipermídia. **Lumina – Facom**, v. 4, n. 1, p. 85-96, jan./jun. 2001.

RODA VIVA | PIERRE LÉVY | 08/01/2001. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (1h30min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfkKr2nUj8k>. Acesso em: 29 jun. 2023.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 07-16, jul./dez. 2006.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. Consciência Histórica, Narrativa Histórica e Ensino. *In*: SIMPÓSIO ELETRÔNICO DE ENSINO DE HISTÓRIA, 1., 2015. **Anais [...]**. UNESPAR; UFRJ, 11-15 maio 2015.

SILVA, Marco. Educar na Cibercultura: desafios à formação de professores par curso online. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, São Paulo, n. 3, p.36-51, jan.-jun. 2010.